



As escolas alemãs em Santa Catarina e sua transformação para teuto-brasileiras: uma análise histórica

Ademir Valdir dos Santos

Departamento de Estudos Especializados em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário Trindade, Cx. Postal 476, 88010-970, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: ademir.santos@ufsc.br

RESUMO. Dedicamo-nos a investigar a criação de instituições escolares no movimento de migração europeia para o Brasil. O estudo foca o surgimento e algumas transformações por que passaram escolas em zona colonial catarinense de imigração alemã, entre 1897 e 1930. É embasado em pesquisa documental: relatórios da Companhia Colonizadora Hanseática, legislação e imprensa. Os resultados indicam que o surgimento das escolas é devido tanto à iniciativa dos chegados como à subvenção da colonizadora. Sua caracterização pedagógica foi marcada por um currículo europeu e uso do idioma alemão. Mas, gradativamente, foi tomando lugar outra formação centrada em regionalismos e na compulsória utilização do português. Da condição de escolas alemãs de cariz étnico, fundado em relações sociais vinculadas à cultura teuto-europeia, foram sendo orientadas a um ensino sob a racionalidade técnica e o ideário governamental de abrasilcramento que as cunhou sob nova identidade: a teuto-brasileira.

Palavras-chave: imigração, escola alemã, escola teuto-brasileira, ensino primário.

German schools in Santa Catarina and their transformation into teuto-brazilian schools: an historical analysis

ABSTRACT. Current research investigates the establishment of educational institutions in the wake of European migration to Brazil. The study focuses on the rise and on the transformations of schools in the German immigration settlement area in Santa Catarina between 1897 and 1930. Research is based on such documents as the reports of the Hanseatic Colonization Company, legislation and published material. Results indicated that the emergence of schools was due to the initiative of the immigrants and to the settlement company involved. The schools' pedagogical characterization was marked by a European curriculum and use of German. Gradually another type of formation started replacing the older one. It was focused on regionalism and the compulsory use of the Portuguese language. The condition of German schools based on ethnic-oriented social relations linked to German-European culture were being oriented to teaching ideas based on technology and on the Brazilian government's guidelines for more Brazilian-directed features that eventually generated a new identity, or rather, a German-Brazilian identity.

Keywords: immigration; German school, German-Brazilian school, primary education.

Las escuelas alemanas en Santa Catarina y su transformación para teuto-brasileñas: un análisis histórico

RESUMEN. Nos hemos dedicado a investigar la creación de instituciones escolares en el movimiento de migración europea para Brasil. El estudio enfoca el surgimiento y algunas transformaciones por las que pasaron escuelas en zona colonial catarinense de inmigración alemana, entre 1897 y 1930. Ha sido basado en investigación documental: informes de la Compañía Colonizadora Hanseática, legislación y prensa. Los resultados indican que el surgimiento de las escuelas es debido tanto a la iniciativa de los que llegaron como a la subvención de la colonizadora. Su caracterización pedagógica fue marcada por un currículo europeo y el uso del idioma alemán. Pero fue tomando el lugar, gradualmente, otra formación centrada en regionalismos y en la compulsoria utilización del portugués. De la condición de escuelas alemanas de aspecto étnico, fundado en relaciones sociales vinculadas a la cultura teuto-europea, fueron siendo orientadas a una enseñanza bajo la racionalidad técnica y el ideario gubernamental de volverse brasileñas que las acuñó bajo una nueva identidad: la teuto-brasileña.

Palabras clave: inmigración; escuela alemana; escuela teuto-brasileña; enseñanza primaria.

Introdução

As relações entre a colonização com imigrantes europeus do Brasil meridional e a instituição de escolas têm sido abordadas em parcela da historiografia recente da educação brasileira, que objetiva desvelar aspectos do processo histórico de

constituição do sistema escolar nacional, partindo do pressuposto de uma heterogeneidade na abordagem teórico-metodológica. Nesse sentido, as pesquisas têm lançado luzes sobre esse fenômeno peculiar ocorrido desde o século XIX e que matizou, sob diferentes aspectos, a de criação de organizações com

finalidade educacional, considerando aspectos de ‘regionalização’ e formação cultural expressos por ‘particularidades’.

Neste cenário complexo e multifacetado, atentando para lacunas e especificidades existentes, dedicamo-nos a investigar a criação de instituições escolares no movimento de migração europeia para o Brasil, notadamente no ambiente de colonização meridional. Ou seja, a criação de espaços territoriais destinados, majoritariamente, à ocupação do imigrante estrangeiro e cujos elementos de contextualização e de interpretação mostram a necessidade de construir outras e novas possibilidades analíticas que se diferenciam da escrita sobre a história que toma regiões, como o município da Corte, São Paulo e Minas Gerais, como referenciais padronizados para a compreensão dos fenômenos que, todavia, não se aplicam a outras regiões culturais brasileiras, como argumenta Santos (2009a, 2012) em outras investigações. Por tal motivo, este estudo foca o surgimento e algumas transformações por que passaram escolas em zona colonial de imigração alemã em Santa Catarina, entre 1897 e 1930.

Dos primórdios e das características basilares das escolas alemãs

Nota-se que a movimentação de populações entre diferentes nações ou países foi intensa durante os séculos passados. Com relação a este fenômeno, há registros de que a saída de europeus com destino às Américas atingiu números relevantes. O Arquivo do Estado de Hamburgo (*Staatsarchiv Hamburg*), por exemplo, situado na região onde até hoje funciona um dos portos mais ativos daquela região europeia, em seus bancos de dados cataloga mais de cinco milhões de passageiros que deixaram o velho mundo desde o século XIX tendo como destino principal o continente americano.

Especificamente relacionados à imigração alemã, localizamos dados de cartografia do final dos novecentos que mostram, com clareza, o quanto a chegada de imigrantes europeus alemães e a sua fixação no território brasileiro era conhecida e mapeada. O *Allgemeiner Handatlas in sechsundachtzig Karten mit erläuterndem Text* (ANDREE’S, 1881), ou seja, um Atlas Geral em oitenta e seis cartas (mapas) com texto explicativo, datado de 1881 e editado pelo Instituto de Geografia de Velhagen e Klasing, com sedes situadas nas cidades de Bielefeld e em Leipzig, traz um mapa do Sudoeste do Brasil com as Colônias Alemãs e Uruguai (*Südost-Brasilien mit den Deutschen Colonien und Uruguay*), em que identificam diversas das colônias espalhadas pelo território que

atualmente corresponde aos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul¹. Dentre elas, podemos destacar aquelas do território catarinense que têm sido objeto de nossos estudos, notadamente quanto ao processo histórico de criação e funcionamento de escolas neste meio: Dona Francisca, Blumenau, Annaburg, São Bento e Brüderthal.

A imigração alemã instituiu, no Sul do Brasil, cenários de colonização onde se desenvolveram relações entre culturas distintas. Sob o ponto de vista de sua localização, e ainda considerando transformações posteriores na geografia e na configuração territorial de Santa Catarina, temos documentando que, em 1897, a Companhia Colonizadora Hanseática (*Hanseatischen Kolonisations-Gesellschaft*) negociou a concessão de terras situadas em porções do norte e nordeste de Santa Catarina, coincidentes e inseridas em terras delimitadas por colônias pré-existentes, e que reagrupou 650.000 hectares, delimitando uma nova região: a Colônia Hansa (*Kolonie Hansa*). Por sua vez, esta era composta por quatro divisões distintas denominadas como distritos: Itajaí Hercílio (ou *Itajahy Hercílio*, que incluía *Hammonia* e *Neu-Bremen*), Itapocu (no qual se inseria *Humboldt*), Sertão de São Bento e Piraí (*Pirahy*) (*DIE KOLONIE HANSA*, 1911). Considerado o mapa político atual, a Colônia Hansa englobava terras hoje pertencentes aos municípios catarinenses de Joinville, Blumenau, Massaranduba, Itajaí, Ibirama, Presidente Getúlio, Dona Emma, Witmarsum, Vitor Meireles, José Boiteux, Jaraguá do Sul, Guaramirim, Corupá e São Bento do Sul. Pelo menos de acordo com seu projeto inicial, o empreendimento foi destinado essencialmente à imigração alemã.

Sobre a população colonial, genericamente nominada como alemã², trazemos uma fonte registrando que nos primeiros cinco anos chegaram às terras loteadas e reservadas à ocupação 2.085 pessoas (*PROSPEKT*, 1902). Vê-se que quanto à composição étnica dos habitantes de Hansa, existem dados que detalham tal aspecto e dão indicativos da preponderância dos imigrantes ‘alemães’ sobre os de outras procedências, mas que, também, foram incluídos nas estatísticas de imigrantes que ali passaram a viver, compondo o quadro de diversidade

¹ Nota-se ainda que os nomes dados a tais regiões são exatamente os mesmos hoje adotados.

² Há certo problema terminológico sobre o que se tem denominado genericamente como imigração alemã, porque entre os teutos foram incluídos chegados ao Brasil de diversas nacionalidades, que podiam ser originários de regiões correspondentes ao território de países atuais, tais como Áustria, Suíça, Hungria, Polónia e da ex-Iugoslávia (hoje dividida em novos países e regiões autônomas), por exemplo. Talvez, a partida dos navios do porto setentrional alemão de Hamburgo induziu a classificar e registrar gente oriunda de outras regiões sob a denominação de alemã.

de procedências. Assim, apresentamos um dos itens do relatório anual de 1901, intitulado *Transporte de emigrantes para as nossas áreas de colonização (Beförderung von Auswanderern nach unseren kolonisationsgebieten)*, onde consta que “Em 1901, foram transportadas a preços promocionais: Através de nós 259 pessoas. Pela Hamburg-America Line 169 pessoas [...]”, sendo “[...] 150 a mais do que em anos anteriores [...]” (JAHRESBERICHT..., [190-?], p. 2); deste total de 428 emigrados, 246 eram do sexo masculino e 182 do sexo feminino, 333 eram evangélicas (protestantes) e 95 católicas; quanto às profissões, haviam 6 agricultores, 5 jardineiros, 94 trabalhadores agrícolas, 11 ‘outros’ trabalhadores, 50 artesãos e 10 outras ocupações; quanto às ‘nacionalidades’, 243 oriundos do ‘Império Alemão’, 43 austríacos, 117 russos, 7 de Além-Vale (*Transvaal-Deutsche*), 5 bóeres do Além-Vale, 5 suíços, 3 suecos, 2 luxemburgueses, 2 australianos e 1 holandês (JAHRESBERICHT..., [190-?]). Dado interessante é o que mostra a composição por idade da população em pelo menos dois dos distritos da Colônia Hansa, a saber Itapocu e Hercílio, numa tabela com a estatística populacional nestas duas localidades correspondente ao ano de 1901. No distrito Itapocu foi contabilizado um total de 677 pessoas, sendo que 420 tinham mais de 12 anos de idade (240 homens e 180 mulheres), 257 com menos de 12 anos (133 do sexo masculino e 124 do feminino); já em Hercílio haviam 196 pessoas, sendo 120 maiores de 12 anos (77 homens e 43 mulheres), 76 menores de 12 anos (33 meninos e 43 meninas).

Um empreendimento desta natureza, emoldurado num panorama de busca de desenvolvimento e progresso para as regiões colonizadas, solicitava investimentos de várias ordens e que muito influenciariam na inicial fixação e na posterior permanência e possibilidade de prosperidade econômica e social. Documentos redigidos pelos diretores locais da Colônia Hansa, que sob a forma de relatório tinham o papel de historiar para a administração central de Hamburgo o que se sucedia no movimento colonizador, apontam investimentos financeiros em variados trabalhos anualmente realizados, como a abertura de estradas (medição e traçado de exploração, incluindo picadas, novos caminhos e seu alargamento, a edificação de pontes e os reparos necessários), cavar poços e açudes, a medição de lotes e a construção de moradias e instalações para a administração da colônia (JAHRESBERICHT..., [190-?]).

Mas, aqui, interessa-nos destacar a presença, entre as denominadas ‘Despesas para fins específicos na colônia’ (*Ausgaben für besondere Zwecke auf der Kolonie*), da ‘subvenção para escolas’ (*Subvention für*

Schulen), portanto, subsidiando o investimento neste tipo de instituição social. Sinaliza-se para a importância dada à educação escolar mesmo naqueles difíceis primórdios em que, talvez, pudesse muito mais interessar cuidar da sobrevivência e subsistência em meio inóspito. Interessante notar que, num panorama em que acabam tendo íntima ligação as organizações sociais de formação humana (como as religiosas), constam investimentos na escolarização da população ao lado de rubricas destinadas a pagamentos de viagem ao clero de ambas as denominações (protestante e católica), mas, também, despesas com colonos doentes e mesmo com advogados (JAHRESBERICHT..., [190-?]).

No cenário de ausência de investimentos da parte do governo brasileiro no campo educacional, conhecido e denunciado quanto a tal período, configura-se nas zonas coloniais um quadro de avanço no setor baseado na abertura e manutenção de escolas. Estas foram vistas como ‘estrangeiras’ em território brasileiro, dados os elementos de sua gênese intimamente vinculados à imigração europeia e às condições políticas e econômicas de sua manutenção que, pelo menos nesses momentos iniciais, foram vinculadas a uma administração com sede no exterior. Surgem as ‘escolas alemãs’.

Neste movimento histórico, verificamos nos diversos relatórios enviados pela direção local da Colônia Hansa que, em 1904, ou seja, dentro de um período de seis anos seguintes à fundação, já havia quatro escolas em Humboldt: na ‘cidade’ (*Stadtplatz*), na estrada Isabel (*Isabella-Strasse*), na estrada Paulo (*Paul-Strasse*) e na estrada Bonpland e Humboldt (*Bonpland und Humboldt Strasse*). Em outro distrito, Itajaí-Hercílio, também já funcionavam as escolas de Hammonia, Sellin, Rafael, Neu-Bremen e Neu-Zürich. Havia uma em São Bento e outra em Piraí (BERICHT..., 1905). O número delas aumentava ano após ano. O crescimento inicial que indicamos está em acordo com o que apresenta Wiese (2003, p. 44) ao historiar o desenvolvimento da escolarização em Hammonia, por exemplo: em 1912, esta localidade já contava com 10 escolas, que atendiam a um total de 228 alunos.

Desta constelação de escolas alemãs, selecionamos aleatoriamente algumas, em relação às quais apresentaremos elementos do processo histórico de sua instituição. Consideramos fontes documentais que nos permitem rastrear e apresentar aspectos de seu funcionamento ao longo das três primeiras décadas do século passado.

O Relatório da Direção da Colônia Hammonia sobre o ano de 1904 (BERICHT..., 1905) é uma das fontes que mais nos permite aproximação com os

eventos daquele momento, seja os do contexto político, econômico e cultural, seja aquele do plano educacional que nos ocupa. Apresenta os lucros e despesas gerais com a Colônia, mas também, especificações onde aparece novamente a rubrica de subvenção para as escolas no valor de 1:660\$000 (1 conto seiscentos e sessenta mil réis)³.

A historiografia sobre a educação escolar nas zonas coloniais de imigração em Santa Catarina têm revelado elementos singulares. E numa nova busca de caracterização das escolas a que os relatórios se referem, remetemos ao item que apresenta dados da Colônia Hansa. Um dos aspectos que nos chamou a atenção é constar que no distrito Itapocu a situação não era tão favorável como em Itajaí-Hercílio, por que neste estava o diretor Doutor Aldinger, que era o Inspetor Escolar. Por este motivo, ali a escola se desenvolvia a 'plenos pulmões'. Mas, em Itapocu, no final do ano de 1904, a escola central contava com 25 alunos; a escola em Isabel tinha 16, a *Paul* tinha 17 e a da *Humboldtstrasse* atendia 18 crianças. Mas, sobretudo a escola central havia sofrido muito devido a disputas entre os membros (BERICHT..., 1905). Diante do teor deste relato, optamos por dirigir nosso olhar para Hammonia, perscrutando pelos eventuais fatores do maior sucesso nos empreendimentos escolares daquela área colonial. Especulamos que este mergulho com intenções de aprofundamento poderia desvelar aspectos inéditos quanto às instituições educacionais.

Como ponto de partida, lembramos que a escola central do distrito Itajahy-Hercilio se localizava em Hammonia, pois de acordo com o relatório do ano de 1904 aquela região já contava com cinco escolas: uma tabela detalha qual a escola e quais as vagas escolares então disponíveis (*Schulorte*), quantas classes e quantas divisões havia, o número de professores e seus nomes, o número de famílias e de membros que compunham a associação escolar, a data desde quando iniciou o funcionamento e o pertencimento religioso das crianças (BERICHT..., 1905). Desde meados do século passado, funcionavam as cinco unidades naquela fração da Colônia, com destaque para a de Hammonia, cujos dados indicam ser a maior delas⁴, sob a regência de dois professores, um deles o Dr. Aldinger.

Pelo que a documentação indica, esta região da Colônia Hansa tinha uma situação peculiar e algo privilegiada. Isto porque mesmo que os demais distritos alojasse investimentos em escolas, a presença de professores com boa formação na localidade de Hammonia, sobretudo o Dr. Aldinger, fazia a diferença. Por este motivo, estudiosos locais se dedicaram a este personagem tido como emblemático na defesa da necessidade vital de escola e cultura para os imigrantes e seus descendentes. Para Wiese (2011, p. 362), o “[...] Pastor Dr. Paul Aldinger [...]” é uma

[...] grande personalidade: Ao lado de sua laboriosa atividade eclesiástica e educacional, foi escritor fecundo. Colaborou na imprensa alemã e teuto-brasileira, em almanaques e revistas.

Igualmente, evidenciamos alguns elementos de sua trajetória, com vistas às suas relações com o processo de instituição da escola primária em território catarinense. Paul Aldinger, nascido na Alemanha em 1869, era Pastor da Igreja Evangélica Luterana, com formação em Teologia e doutoramento em Filosofia. E sua atuação no processo colonizador foi construída mediante vários elementos da história pessoal: em 1889 foi nomeado administrador da Sociedade Central Evangélica para Colonos Alemães e Imigrantes (Evangelischer Hauptverein für Deutsche Ansiedler und Auswanderer) de Koblenz; fez visitas a colonos teutos da Hungria, Bessarábia, Galícia e Rússia, bem como viajou por vários lugares da Alemanha proferindo palestras; mas, sobretudo, o que o movia era seu plano de se estabelecer num lugar de mata virgem no sul do Brasil. Consta ainda que teve experiência como docente na Europa, antes de sua vinda para o Brasil. Chegou a Hammonia juntamente com mais 47 imigrantes, em 1901, quando contava 32 anos. Mesmo sendo também reverenciada por sua atuação como pastor e fundador da comunidade evangélica local, a atividade de Aldinger no campo educacional foi intensa e de profundo impacto social e cultural. Fundou escolas, mas também, um jornal de circulação mensal, o *Hansabote* (Mensageiro de Hansa), que circulou até 1913.

Coincidem com os dados dos relatórios que localizamos em Hamburgo e utilizamos neste estudo, as indicações trazidas nos estudos de Wiese, segundo as quais os principais propósitos de Aldinger estavam voltados para a formação dos colonos imigrantes e, por isso, seu empenho na criação de escolas. Sua primeira iniciativa foi peculiar:

³ E para que se possa estabelecer um padrão de comparação quanto ao que significa tal montante no conjunto de investimentos, apresentamos que num outro relatório o gasto com a construção de cinco pontes em São Bento implicou uma quantia de – 1: 083\$950 (um conto oitenta e três mil novecentos e cinquenta mil réis). Já a subvenção anotada para as igrejas é de 1:150\$000 (JAHRESBERICHT..., [190-?]).

⁴ Segundo as fontes consultadas, em 1904 o número de crianças atendidas em cada uma das escolas era o seguinte: Sellin – 16; Rafael – 10; Neu-Bremen – 19 e Neu-Zürich – 9. Estas quatro instituições começaram a funcionar no ano de 1904 (JAHRESBERICHT 1904..., 1905).

[...] consistiu na criação de uma escola no meio da mata virgem [...] se propunha a fundar uma escola na selva (Urwaldschule), para receber os recém egressos da Escola Colonial de Witzenhausen e prepará-los para um trabalho bem sucedido no subtropical [...] a escola deveria, também, formar os filhos de colonos teuto-brasileiros para se tornarem professores das futuras escolas particulares alemãs na colônia [...] Aldinger dirigiu uma escola para formação de professores e formação agrícola (Landwirtseminar), que ele queria transformar num centro de experimentação (Versuchanstalt). [...] Este educandário foi por ele considerado uma espécie de sucursal da Escola Agrícola de Witzenhausen, da Alemanha. (WIESE, 2013, p. 4).

Por falta de apoio do consulado, esta iniciativa não se concretizou, embora Aldinger mantivesse o funcionamento escolar em uma localidade que era a sua residência, conhecida como *Palmenhof* (Quinta das Palmeiras). Porém,

[...] Em janeiro de 1902, [...] fundou a primeira Escola Particular Alemã de Hammonia, em parceria com a Sociedade Colonizadora Hanseática, tornando-se, também, o seu primeiro professor. Esta escola foi instalada no Rancho dos Imigrantes e contou com 15 alunos. (WIESE, 2011, p. 360).

O empreendimento prosperou, pois de acordo com a tabela constante do relatório da escolarização no distrito Itajahy-Hercílio, em 1904 esta escola atendia um total de 32 escolares, oriundos de 25 famílias da comunidade. E naquele momento a docência era dividida com a Senhorita Lüderwaldt, uma vez que havia duas classes, cada uma delas com três divisões⁵ (BERICHT..., 1905). Interessante notar outra característica desta escola: do total de crianças, 30 eram evangélicas. Este dado pode ser lido como indicativo da majoritária presença de protestantes luteranos entre os imigrantes alemães na região, mas, também pode estar vinculado ao fato do docente ser um pastor. Além disso, reafirma a tese das íntimas relações entre a educação e a religião nos primórdios das comunidades (KLUG, 1994).

Mas, como estava organizada esta escola? Podemos nos aproximar de respostas tendo por base um anexo do relatório acima usado, de teor inédito, intitulado Relatório Anual 1904 sobre as cinco escolas de Hansa dos distritos de Hercílio, relato do Inspetor Escolar Dr. Aldinger (Jahresbericht 1904 über die 5 Hansaschulen des Bezirks Hercilio, erstattet vom Schulinspektor Dr. Aldinger). Como se vê, devido a sua privilegiada formação e relacionamento com a Companhia Colonizadora,

Aldinger havia sido indicado para o serviço de inspeção das escolas estrangeiras do empreendimento colonizador. Isto indica consonância com outros escritos:

Assim que outras escolas particulares alemãs surgiram em Hammonia, após 1904, o Pastor Dr. Aldinger tornou-se Inspetor Escolar [...]. Assim, as escolas particulares estavam sob orientação da Igreja Evangélica (WIESE, 2003, p. 51).

Note-se que a escola alemã de Hammonia funcionava em ambiente rural, poder-se-ia dizer, até mesmo, selvagem, em terras do interior de um estado meridional até então de pouca expressão no cenário brasileiro, num momento histórico em que o Estado não oferecia nenhuma instrução pública elementar à população. Tal fato põe em evidência, em grau superlativo, a preocupação com a organização de um sistema escolar nas zonas coloniais, avançado se comparado aos ritmos e padrões de instituição da escola primária no restante do país.

Quanto às atividades de inspeção escolar, Aldinger evidencia o cuidado com a formação dos professores. Diz que, além do envolvimento do inspetor na formação de sociedades escolares – previsto em estatuto –, cabia a ele participar de várias deliberações, principalmente quanto aos edifícios, preenchimento dos cargos e frequência dos professores no decorrer do ano. Destaca-se: a inspeção escolar foi designada, especialmente, para fazer promover a eficiência das funções docentes. Assim, havia o cuidado de que na contratação de professores auxiliares se consultasse primeiro aqueles portadores de diploma. E que, no final do ano letivo, período em que aconteciam os testes, se realizava uma conferência sobre as práticas de ensino em Hammonia, sendo que para subsidiar a vinda dos professores de outras localidades eram pagos três réis de subvenção diária. Conforme o texto de seu relatório, o inspetor afirma ainda que obras pedagógicas básicas e publicações educacionais apropriadas para a educação em geral eram disponibilizadas aos professores (JAHRESBERICHT..., 1905).

O Dr. Aldinger fez questão de adicionar uma nota, já no início do seu escrito, explicando que numa pequena área já funcionavam cinco escolas, mobilizando seis professores no atendimento de 86 crianças. E que a frequência escolar no novo ano era cerca de 25% maior. Sobre a constituição das escolas escreveu:

A escola em Hammonia é uma associada da igreja evangélica local. As outras quatro escolas são fundadas por sociedades escolares. Todas as escolas

⁵ Estimamos que essas subdivisões possam ser entendidas como uma espécie de seriação dentro da mesma classe, o que permitiria classificar tais escolas como do tipo multisseriada. Outros dados dos relatórios ratificam que esta era a forma de organização do trabalho didático naquelas escolas.

são iguais. Elas formam a Liga de Escolas 'Hansa'. As escolas funcionam à luz da prática de professores e também do inspetor escolar. Como tal, Dr. Aldinger é eleito por cinco anos. (JAHRESBERICHT..., 1905, p. 16, tradução nossa).

Seguem os comentários sobre os professores do distrito, afirmando que são homens que tem qualidade moral e o treinamento necessário, dignos de ocupar os postos docentes. Além dessa referência aos colegas, Aldinger faz um detalhado relato sobre o salário 'em dinheiro'. Explica que é composto por: um subsídio mensal de vinte réis pela Companhia Colonizadora; a partir da mensalidade escolar que é de um real para cada criança, menos quando a mesma família tem diversos filhos, sendo que a aplicação deste critério devia atingir pelo menos 15 réis; um recurso adicional que, embora originariamente destinado à escola de Hammonia, proporcionava que o inspetor escolar destinasse outros 10 réis por mês para as outras unidades escolares, dependendo do número de professores e de alunos. Finaliza dizendo que o salário mensal neste distrito é de cerca de 50 réis ao mês, sendo que os principais professores de Hammonia atingem os 60 réis. (JAHRESBERICHT..., 1905). Os professores registrados no relatório para as escolas Sellin, Rafael, Neu-Bremen e Neu-Zürich eram, respectivamente, Krämer, Heur, Jenné e Grage⁶.

Quanto aos aspectos da organização didático-pedagógica, consta que o ensino era predominantemente feito no idioma alemão, havia mapas e a possibilidade de utilização de livros importados. Além disso, cita-se a existência de bibliotecas disponíveis não apenas para o alunado e os professores, mas que também eram consultadas pela comunidade em geral:

Para que não faltasse entretenimento cultural nas horas de folga dos imigrantes, o Aldinger criou uma biblioteca. Na época, levando em consideração as condições da colônia, a biblioteca foi considerada grande. Os livros foram conseguidos através de doações vindas da Alemanha. (WIESE, 2011, p. 361).

Devido à íntima ligação com a igreja evangélica, o ensino de música era bastante privilegiado: "Em média, cada aluno deveria saber cantar 30 cantos religiosos e 30 cantos profanos" (WIESE, 2013, p. 3). Tal dado sintoniza com achados de outras investigações realizadas sobre as práticas educativas

nas escolas elementares de zonas coloniais de imigração alemã:

O canto era praticado nas três seções superiores, compreendendo tanto canções populares como da liturgia religiosa. Cantar ajudava na aprendizagem idiomática, mas também servia para inculcar valores culturais e preservar a identidade étnica embasada no domínio da língua alemã. (SANTOS, 2012, p. 553).

Segue a abordagem, agora aludindo aos aspectos dos edifícios, da habitação dos professores e das terras pertencentes às escolas. No relatório escolar sobre as atividades de 1904 há relato sobre as construções em andamento. Consta que um prédio foi erguido, cujo cômodo principal media 7 x 7 metros, que serviria como sala de aula. Havia ainda dois quartos ao lado e mais dois quartos no sótão, bem como uma espécie de garagem que poderia vir a ser utilizada como residência e mesmo para atividades da escola (JAHRESBERICHT..., 1905). Estas informações guardam semelhança com o que aponta Wiese, de acordo com quem a escola alemã de Hammonia, a partir de 1904, passou a ocupar o mesmo prédio da Igreja Evangélica Luterana, recentemente inaugurado⁷. Ainda quanto à construção da escola e suas instalações, este mesmo relatório da Companhia Colonizadora Hanseática informa as estratégias utilizadas durante o ano de 1904 com relação à mudança de espaço físico do 'Rancho do Imigrante' para as novas dependências então em construção, que passariam a abrigar, simultaneamente, os serviços religiosos e a escola. Como as obras da construção acabaram perturbando os trabalhos escolares, foram concedidas férias desde março. Posteriormente, algumas aulas foram retomadas a partir de oito de maio nas instalações do Palmenhof e a partir dos dias 16 e 23 do mesmo mês já no prédio novo. Nesse sentido, os dados que agora trazemos se alinham com o que Wiese comenta sobre a construção denominada 'igreja/escola' e sua inauguração em 22 de maio de 1904, embora contradigam a sua afirmativa de que qualquer alusão à 'escola particular' do professor Aldinger, localizada na sua propriedade Palmenhof, 'nunca' tivesse constado de "[...] relatórios ou documentos da Sociedade Colonizadora Hanseática" (WIESE, 2013, p. 4).

Já em 1915, iniciou a construção de um prédio próprio, processo que foi levado adiante com dificuldades até 1919, sendo que em 1920 houve

⁶ Aqui acrescentamos e ratificamos, graças ao ineditismo dos documentos localizados no Arquivo de Hamburgo, dados sobre os docentes que atuavam nos primeiros anos de funcionamento daquelas pioneiras escolas. Em suas investigações e com base nas fontes disponíveis no Brasil e que o subsidiaram, Wiese elencou ainda os professores que atuavam em 1922 e 1926 (WIESE, 2003).

⁷ Segundo Wiese (2003), em 1903 a comunidade evangélica de Hammonia, sob a liderança do Pastor Aldinger, decidiu construir uma igreja que serviria também de escola; sua inauguração aconteceu em 22 de maio de 1904.

diversas conversas com o governo do Estado de Santa Catarina para que este adquirisse a escola, o que acabou não acontecendo. Esta negociação, que à época tinha como um de seus interlocutores o Inspetor Federal das Escolas Orestes Guimarães, dá indicativos de que a natureza da escola e as características de seu funcionamento, calcadas sobre uma origem étnico-cultural estrangeira, nutriam conflitos com as instâncias governistas no plano estadual e federal. Isto porque emergiam políticas educacionais exaradas, então comprometidas e envolvidas com diversos movimentos de cunho nacionalista, o que ganhou vigor a partir dos anos contemporâneos à Primeira Guerra Mundial.

Também recolhemos aspectos interessantes sobre as práticas dos professores. Os relatos de Aldinger, assim como aqueles de outros professores e que por ele foram recolhidos e constam nos relatórios, nos permitem como que ‘entrar’ numa sala de aula de mais de cem anos atrás, inferindo sobre as dinâmicas que ali ocorriam, delineadas por meio das descrições. Funcionando como uma base para o alargamento do olhar do pesquisador e das possibilidades analítico-interpretativas, constam relatórios individuais, para cada uma das escolas (*Einzel-Schulberichte*).

Constatamos que, efetivamente, a escola de Hammonia, devido à posição na área central do distrito (*Stadtplatzschule*), tem um *status* diferenciado em relação às demais. Também porque seu professor principal era o próprio Dr. Aldinger, dono de sólida formação para a docência. E, nesse sentido, o relatório lembra que em junho de 1904, por se encontrar muito envolvido com a organização da paróquia e a conclusão do novo prédio para a escola, ele tomou como assistente o Sr. Stefan; e a partir de julho, a Senhorita Käte Lüderwaldt foi admitida como uma espécie de estagiária para atender as divisões inferiores da classe. Emanando, assim, o zelo pelo atendimento com qualidade do alunado (*JAHRESBERICHT...*, 1905, p. 18). Eis um aspecto que chama a atenção quanto à organização escolar nesta zona colonial. Contrasta, em boa parte, com o que afirma Willems (1980) sobre um ‘princípio negativo’ quanto à escolha, formação e condições de trabalho dos primeiros professores que atuavam nas escolas dos imigrantes alemães, e mesmo quanto à sua remuneração:

Os primeiros professores que se ofereceram eram pessoas inválidas que não podiam trabalhar na roça. Como havia necessidade de remunerá-las, os colonos interessados na alfabetização de seus filhos rateavam as despesas comprometendo-se a pagar uma mensalidade que, às vezes, consistia em espécie.

[...] A escolha do professor obedecia, desde o princípio, a um princípio negativo: somente indivíduos inaproveitáveis para outras atividades comunais tornavam-se mestres. Nem sempre o professor surgiu da comunidade local, pois esta frequentemente não dispunha de pessoas instruídas a ponto de poderem transmitir o mínimo de conhecimentos exigido. Não raro, as condições materiais em que o professor havia de viver e trabalhar pareciam inaceitáveis aos membros da comunidade. Somente em casos excepcionais, os mestres tinham uma formação profissional por modesta que fosse. Nas escolas rurais predominava o professor, leigo e improvisado, o qual havia de dividir seu tempo entre o amanho de suas roças, as aulas e outros misteres de que a comunidade talvez o incumbisse. (WILLEMS, 1980, p. 280-281).

Entendemos que é relevante, e uma contribuição para a história do currículo, a descrição detalhada⁸ que é feita das disciplinas e conteúdos ensinados, bem como dos procedimentos didáticos, em cada uma das divisões (seções) da classe na escola alemã naquele momento. Considerada a formação primorosa do professor, pastor e inspetor Aldinger, a proposta curricular dá indicativos da natureza do ensino ofertado para as quatro seções atendidas.

Assim, o Relatório anual de 1904 sobre as cinco escolas do distrito Hercílio, assinado pelo próprio inspetor escolar e professor Aldinger se apresenta como um tratado sobre o currículo, como um programa ou plano de estudos que apresenta os conteúdos programáticos (*Behandelter Lehrstoff*). A descrição abrange as quatro seções escolares. Optamos por apresentar a íntegra da tradução das disciplinas (matérias) e dos conteúdos escolares da primeira seção (*I Abteilung*), porque entendemos que conhecer o que se propunha nesta etapa da escolarização infantil proporciona indicações significativas quanto à natureza didático-pedagógica do funcionamento daquelas escolas. E resumimos o teor dos relatos considerando as demais seções⁹.

Na disciplina de Leitura e Escrita, o foco era na língua alemã. Ensinava-se a escrita e os usos das letras maiúsculas e minúsculas, a formação de sílabas, a composição de frases e, além disso, havia treino de caligrafia. Neste mesmo campo de formação linguística, havia o Ensino da Língua com base numa cartilha. A Zoologia era apresentada com base no atlas Leutemanns. A Aritmética se apoiava na utilização de partes dos volumes da obra de Kleitamp.

⁸ O texto dedicado ocupa mais de uma página do relatório, o que constitui uma excepcionalidade nas fontes documentais, particularmente aquelas exaradas por administradores escolares, que raramente vão além das determinações e prescrições legais. É redigida em alemão gótico, sendo a impressão tipográfica.

⁹ Esta redução é devida, também, ao tamanho do espaço destinado a este artigo.

Havia a matéria de Religião, que focalizava a história bíblica, dividida em abordagens do Novo e do Antigo Testamento. Do primeiro se estudavam as passagens do Bom Samaritano e outras parábolas, a história de Maria e Marta; a outra parte da escrita sagrada abordava o livro do Gênesis e histórias como as de Caim e Abel, da Torre de Babel, do patriarca Abraão e de Sodoma e Gomorra. Lista-se, no final, a história do Natal. São citadas várias canções da liturgia religiosa como *Das walte Gott!, wach auf, mein Herz, Jesu, geh voran, Womit soll ich dich wohl loben, Grosser Gott, Lobe den Herren, den mächtigen, Ein' feste Burg e Gelobet seist du*. Os alunos também aprendiam orações na escola: para usar pela manhã, à noite e à mesa (JAHRESBERICHT..., 1905).

A Leitura, considerada essencial, estava presente nas quatro seções. O objeto estudado era a língua alemã, mas na segunda e terceira seções também se aprendia o latim. A aprendizagem da leitura era feita com a utilização de cartilhas e textos de cartas. Os alunos deviam ler em voz alta, o que era bastante cobrado (JAHRESBERICHT..., 1905).

Na disciplina de Escrita se aprendia a língua alemã. Uma das estratégias metodológicas comuns era que as crianças redigissem pequenas cartas, individualmente. Assim, aprenderiam a elaborar pequenas frases. Há várias referências à silabação como recurso metodológico associado à aprendizagem pretendida. Mas, não bastava apenas escrever de modo correto: era preciso escrever bonito, ou seja, apresentar uma bela grafia (*Schönschreiben*)! A caligrafia era uma exigência fundamental desde a primeira seção (JAHRESBERICHT..., 1905).

Mesmo havendo a Leitura e a Escrita, existia a disciplina de Ensino da Língua alemã (*Sprachlehre*) para os alunos das quatro seções. Nessa lição, no primeiro ano o professor devia seguir as instruções da cartilha. Na segunda seção, explicava-se o singular e o plural dos termos, exigindo cópias e leitura. Já os alunos da terceira seção aprendiam a diferenciar o gênero, a divisão silábica, a entonação na leitura e a conjugação verbal. Havia exercícios linguísticos diversos. Foram citadas algumas leituras infantis. No último ano estudavam-se os princípios de gramática e sintaxe da língua alemã, com as conjugações verbais considerando os tempos e as pessoas. Também se utilizava a poesia como recurso didático. As leituras eram mais complexas e estabeleciam relações com conhecimentos gerais, como se percebe no título *O Leão de Florença*.

O canto era praticado nas três seções superiores, compreendendo tanto canções populares como da liturgia religiosa.

Assim, os relatos sobre a utilização da língua alemã naquelas salas de aula reafirmam a sua centralidade como elemento de comunicação entre os sujeitos e como objeto de aprendizagem, reafirmando a questão linguística das relações sociais como o principal responsável pela caracterização da escola como um dos núcleos sociais de elaboração de relações de fundo étnico germânico.

Se, quanto aos primeiros anos de funcionamento das escolas daquela área de colonização, fica evidente a filiação com os referenciais culturais étnicos de base germânica, sobretudo centralizados nos usos do idioma alemão, dados do funcionamento das mesmas escolas, durante o decorrer das décadas de 1910 e 1920, denunciam transformações. Como indicam outros estudos com os quais dialogamos, entre os quais os de Santos (2010) e aqueles de autores reunidos sob as obras organizadas por Fiori (2003) e Müller (1994)¹⁰, é à ação das campanhas de nacionalização – que impactaram sobre as formas de funcionamento das primordiais escolas alemãs e determinaram a absorção e incorporação de referenciais culturais tidos como próprios e peculiares da sociedade brasileira – que se deve uma metamorfose dessas instituições.

O motor das transformações

Especificamente quanto às escolas que focalizamos, cabe evidenciar alguns dos fatores históricos propulsores das mudanças:

As escolas particulares alemãs de Hammonia, bem como as demais escolas espalhadas pelo sul do Brasil, passaram por duas Campanhas de Nacionalização de Ensino [...] (WIESE, 2003, p. 63).

Esse processo histórico de alterações no cenário político, econômico e social brasileiro, configurado nas quatro primeiras décadas do século XX, segundo Schaden (1966) possibilita que passemos a designar por escolas teuto-brasileiras aquelas instituições de ensino primário fundadas por imigrantes que, anteriormente, foram genericamente chamadas de escolas alemãs.

A emergente designação de escola teuto-brasileira quer, assim, simbolizar o caráter de ambiguidade étnico-cultural que foi matizando as instituições das zonas de colonização com imigrantes

¹⁰ Entre outros, em Fiori constam textos contributivos de Giralda Seyferth, Arthur Blasio Rambo, César Paiva e Lúcio Kreutz; já Müller reúne as análises concernentes de René Gertz, Telmo Lauro Müller, Maria Hoppe Kipper, Martin Dreher, Guido Lang, Arthur Rabuske e, também, dos já citados Kreutz e Rambo.

alemães no Sul do país. Isto porque o advento da nacionalização imprimiu marcas profundas no funcionamento das escolas das zonas coloniais. Ao se considerar as perspectivas da legislação exarada, tanto no âmbito estadual como federal, naquele período e que foi orientada pelo ideário nacionalista, os seus impactos na administração, na docência, nos currículos e nas relações entre as escolas e as comunidades do entorno – tudo isto determinou tal mudança histórica.

Em Santa Catarina, sobretudo o conjunto de peças da legislação exarada desde 1911 e conhecido como Reforma Orestes Guimarães foi marcado pelo ideário da nacionalização do ensino. Muito mais do que nacionalizar, ficavam evidentes os objetivos de ‘abrasileirar’. As colônias de imigrantes alemães e, no seu interno, as escolas comunitárias tidas como ‘estrangeiras’, foram o alvo da nacionalização. E destacavam-se as medidas que pretendiam atacar a questão linguística, ou seja, a língua alemã que marcou desde o princípio os modos de organização social das comunidades e de suas instituições. Forte exemplo disto no plano da legislação educacional é o Programa de ensino das escolas isoladas das zonas coloniais aprovado pelo Decreto n.º 1944, de 27 de fevereiro de 1926, ao enfatizar que a linguagem oral era essencial no projeto de transformação da escola primária catarinense, principalmente quando se tratava das escolas de imigrantes. A pretensão era modificar a essência constitutiva histórica marcada pela etnicidade germânica:

ADVERTENCIA – É esta, por certo, a mais importante disciplina das ‘zonas coloniais’, em que, geralmente, as crianças pouco ouvem a ‘língua vernácula’, ou mesmo nem a ouvem.

Os ‘professores’ não devem, pois, poupar esforços em prol do ‘ensino desta disciplina’, certos de que ella constituirá, assim ministrada, o meio mais seguro para o aproveitamento geral dos alumnos nas demais matérias.

Haverá aulas diárias de 40 minutos (vide horário). As aulas desta disciplina serão extensivas a todos os alumnos (1.º, 2.º e 3.º. anno): o professor, porém, ‘dirigir-se-á, de preferência, aos alumnos mais atrasados na língua vernácula’. (SANTA CATARINA, 1926, p. 10, grifos nossos).

É candente, portanto, o discurso que foi desenvolvido e que resultou em ações tanto de cunho político como em determinações didático-pedagógicas para adoção em sala de aula. Em seu texto *A política educacional nacionalista e o aspecto linguístico: vestígios na escola primária*, Santos (2009b, p. 524) mostra que, de fato, as escolas foram

[...] vistas como local de formação da brasilidade. Professores e alunos foram obrigados a abandonarem o uso da língua alemã e aprenderem o português. Constituiu-se um período de práticas pedagógicas orientadas pelo bilinguismo.

Com base em providências legais, o governo catarinense pretendeu atender às orientações de uso da escola como veículo nacionalista idealizadas por Orestes Guimarães. O caráter tido como estrangeiro das escolas foi tratado como ‘problema de ensino’ local. Por isso, reformular o sistema educacional era preciso, sob a égide de um ‘combate ao analfabetismo’ que buscou contribuir e proporcionar soluções à questão de assimilação dos grupos imigrantes. Eis aqui um discurso sem consonância com a realidade, uma vez que foram justamente aquelas escolas comunitárias que atacaram o problema de analfabetismo da população local, não apenas atendendo aos filhos dos imigrantes, mas ao conjunto de crianças das localidades onde atuavam. E, se nos primórdios o processo de aprendizagem idiomática privilegiou a língua alemã, desde o início houve também preocupação com o ensino do português, que seria absolutamente necessário às relações cotidianas em território brasileiro.

Várias vezes aprofundaram e difundiram o tom nacionalista que atingiu o cenário social catarinense à época e tomavam a necessidade de uso exclusivo da língua portuguesa e as restrições aos idiomas estrangeiros como bandeira. Em edição do *Jornal de Joinville*, de 14 de abril de 1920, localizamos o editorial *A defesa da língua nacional*, trazendo as eloquentes considerações:

A defesa da língua nacional está despertando, entre os nossos intellectuaes, o mais vivo entusiasmo, e renunciando a organização efficiente dos bons elementos, capazes de lutar e de alcançar Victoria.

[...] A defeza se impõe. Ha muito que inimigos conscientes trazem a nossa pobre língua ‘mais remendada que capa de pedinte’. (JORNAL DE JOINVILLE, 1920).

É justamente nesta mescla de dispositivos e discursos que, historicamente, vai sendo produzido, nesse imiscuir na escola original alemã, os elementos e referências ‘brasileiros’ e que passamos a identificar e reconhecer as antigas escolas alemãs como escolas teuto-brasileiras. Ao conjugar e parear o adjetivo ‘teuto’ ao lado da qualificação ‘brasileira’, a terminologia que emergiu é fruto da produção histórica de novas condições de existência destas escolas primárias catarinenses localizadas nas áreas de imigração.

Indicamos, portanto, que se o inicial surgimento das escolas é devido tanto à iniciativa dos chegados e

de suas lideranças comunitárias, como aquela do professor Aldinger, como à subvenção da colonizadora, que a caracterização didático-pedagógica preliminar foi marcada por um currículo europeu e pelo uso do idioma alemão, gradativamente foi tomando lugar outra formação centrada em regionalismos de escopo nacionalizador fundados na compulsória utilização da língua portuguesa. Da condição de ‘escolas alemãs’ de cariz étnico fundado em relações sociais vinculadas à cultura teuto-europeia, as instituições escolares foram sendo orientadas a um ensino sob a racionalidade técnica e o ideário governamental de abrasileiramento, que as cunhou mediante uma nova identidade: a teuto-brasileira.

Considerações Finais

Podemos indicar que, de certo modo, a historiografia que produzimos – também fruto das condições históricas e do modo de ‘olhar’ dos pesquisadores –, ao adotar a nova adjetivação, buscou dar conta das transformações institucionais por que passaram as escolas primárias catarinenses das zonas coloniais de imigração alemã. É vital recordar, neste momento, que a importância do ‘adjetivo’ – considerada a língua como expressão essencial da condição humana – está em nos ajudar a organizar o meio em que vivemos e se encontra intimamente ligada a nossas formas de ver o mundo.

Referências

- ANDREE'S, R. **Allgemeiner Handatlas in sechshundert Karten mit erläuterndem text.** Bielefeld und Leipzig: Verlag von Velhagen and Klasing, 1881.
- BERICHT der Kolonie-Direktion Hammonia über das Jahr 1904. Hammonia, 1905. (Fonte documental).
- DIE KOLONIE ‘HANSA’. **Bericht des koloniedirektors J. Deeke in Hammonia.** Hammonia, 1911. (Fonte documental).
- FIORI, N. A. **Etnia e educação: a escola ‘alemã’ do Brasil e estudos congêneres.** Florianópolis: UFSC; Tubarão: Unisul, 2003.
- JAHRESBERICHT 1904 über die 5 Hansaschulen des Bezirk Hercilio, erstattet von Schulinspektor Dr. Aldinger. Hammonia, 1905. (Fonte documental).
- JAHRESBERICHT für die fünfte ordentliche General-Versammlung der Hanseatischen Kolonisations-Gesellschaft m.b.H. das Jahr 1901 betreffend. Hamburg, [190-?]. (Fonte documental).
- JORNAL DE JOINVILLE. Joinville, 14 abr., 1920.
- KLUG, J. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro.** Florianópolis: Papa-Livro, 1994.
- MÜLLER, T. L. **Nacionalização e imigração alemã.** São Leopoldo: Unisinos, 1994.
- PROSPEKT. Hamburg, 1902. (Fonte documental).
- SANTA CATARINA. **Programma de ensino das escolas isoladas das zonas coloniases aprovado pelo Decreto n.º 1944, de 27 de fevereiro de 1926.** Florianópolis: Imprensa Oficial, 1926.
- SANTOS, A. V. A Instituição escolar como ambiente de relações étnicas: o caso das ‘escolas alemãs’ no sul do Brasil. **EccoS**, v. 2, n. 2, p. 467-486, 2009a.
- SANTOS, A. V. A política educacional nacionalista e o aspecto linguístico: vestígios na escola primária. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 90, n. 225, p. 511-527, 2009b.
- SANTOS, A. V. Educação e nacionalismo: configurando a escola primária catarinense na Era Vargas. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 24, p. 83-111, 2010.
- SANTOS, A. V. Educação e colonização no Brasil: as escolas étnicas alemãs. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42, n. 146, p. 538-561, 2012.
- SCHADEN, E. Aspectos históricos e sociológicos da escola rural teuto-brasileira. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS, 1., 1963, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 1966. p. 65-77.
- WIESE, H. **A inserção da língua portuguesa na Colônia Hammonia.** Ibirama: Edigrave, 2003.
- WIESE, H. **De Neu-Zürich a Presidente Getúlio: uma história de sucesso.** 3. ed. Ibirama: Edigrave, 2011.
- WIESE, H. **A escola alemã de Hammonia.** Disponível em: <<http://www.harrywiese.pro.br>>. Acesso em: 30 abr. 2013.
- WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Nacional; Brasília: INL, 1980.

Received on October 22, 2013.

Accepted on February 26, 2014.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.